

OBITUÁRIO

Marcello Lavenère, advogado

O ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) morreu ontem aos 86 anos, em Brasília. Referência no mundo jurídico, entrou para a história ao assinar o pedido de impeachment do ex-presidente Fernando Collor, em 1992

» ANA MARIA CAMPOS
» EDUARDA ESPOSITO

Marcos Oliveira/Agência Senado



Morreu, na manhã de ontem, o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Marcello Lavenère Machado, aos 86 anos. Alagoano nascido em Maceió, era membro vitalício do Conselho Federal da OAB, advogado e consultor jurídico em Brasília. Lavenère também foi professor de direito civil na Universidade de Brasília (UnB) e na Escola Superior do Ministério Público. Também presidiu a OAB de Alagoas por dois mandatos seguidos. Deixa mulher e seis filhos.

Lavenère marcou a história do Brasil ao assinar o pedido de impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, como presidente do Conselho Federal da OAB. É lembrado por muitos como um dos maiores defensores da democracia e grande professor. O jurista deixou seu legado à frente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, onde atuou na análise das reparações às vítimas da ditadura militar, quando defendeu os perseguidos políticos.

Entidade em luto

O presidente do Conselho Federal da OAB, Beto Simonetti, divulgou, em nota, luto de sete dias na entidade e lamentou a perda do jurista. “Na última madrugada, perdemos o combativo advogado Marcello Lavenère Machado. Membro Honorário Vitalício da OAB Nacional, tendo presidido nossa instituição em momentos muito importantes da história brasileira. Sua presidência fluiu entre 1º de abril de 1991 e 1º de abril de 1993. O sentimento que nos toma é de tristeza. Quem partiu foi um dos imprescindíveis da advocacia. Um homem com alma generosa e solidária. Presidente Marcelo, nos deixa ensinamentos de coragem e altivez. Que descanse em paz na eternidade. Decretamos luto de sete dias por tão inestimável perda”, declarou em nota oficial.

A OAB do Distrito Federal também se pronunciou e considerou Lavenère como “figura marcante na história da advocacia brasileira”. “Neste momento difícil e delicado, a OAB/DF e a CAA-DF se solidarizam e desejam força, coragem e muita união aos familiares e amigos(as)”, afirmou.

Repercussão

Políticos brasileiros foram às redes sociais prestar os sentimentos pela perda de Marcello Lavenère. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lembrou as atuações do jurista e lamentou a

Em maio de 2016, senadores ouviram Lavenère sobre a legalidade do pedido de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff

Homenagens

"Nos despedimos, neste domingo, do professor e ex-presidente do Conselho Federal da OAB, o alagoano Marcello Lavenère Machado, aos 86 anos. Sempre atuante na defesa da democracia e da justiça social, Lavenère deixou seu legado na advocacia do Brasil e à frente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, e se dedicou à luta pela reparação às vítimas da ditadura"

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente

"O sentimento que nos toma é de tristeza. Quem partiu foi um dos imprescindíveis da advocacia. Um homem com alma generosa

e solidária. Presidente Marcelo, nos deixa ensinamentos de coragem e altivez. Que descanse em paz na eternidade"

Beto Simonetti,
presidente da OAB

"Alagoas está de luto pela morte do advogado Marcello Lavenère. Sua trajetória de defesa da democracia e do Estado de Direito orgulha a todos nós"

Paulo Dantas,
governador de Alagoas

"Lamento profundamente o falecimento do advogado Marcello Lavenère Machado, membro vitalício do CFOAB e ex-presidente da OAB/AL. Outro

alagoano que fez história, se destacou como defensor da justiça, atuando com firmeza em defesa da democracia e dos valores da advocacia"

Renan Calheiros,
senador

"Sua vida foi um exemplo de dedicação incansável às causas da democracia, da cidadania e da justiça social, sempre pautada pelo diálogo e pelo respeito às instituições. Que sua memória seja um farol para todos aqueles que acreditam e lutam por um Brasil mais justo, igualitário e democrático"

Jorge Messias,
advogado-geral da União

morte do jurista. “Nos despedimos, neste domingo, do professor e ex-presidente do Conselho Federal da OAB, o alagoano Marcello Lavenère Machado, aos 86 anos. Sempre atuante na defesa da democracia e da justiça social,

Lavenère deixou seu legado na advocacia do Brasil e à frente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, e se dedicou à luta pela reparação às vítimas da ditadura”, lembrou.

O senador Renan Calheiros

(MDB-AL) também se pronunciou afirmando que Marcello Lavenère foi um alagoano que fez história. “Lamento profundamente o falecimento do advogado Marcello Lavenère Machado, membro vitalício do CFOAB e

ex-presidente da OAB/AL. Outro alagoano que fez história, se destacou como defensor da justiça, atuando com firmeza em defesa da democracia e dos valores da advocacia”, disse.

O governador de Alagoas,

Paulo Dantas, e o vice Ronaldo Lessa também prestaram condolências nas redes sociais. “Alagoas está de luto pela morte do advogado Marcello Lavenère. Sua trajetória de defesa da democracia e do Estado de Direito orgulha a todos nós”, afirmou o governador. “Marcello Lavenère foi um símbolo de coragem em um período de repressão e autoritarismo. Atuou firmemente na defesa de perseguidos políticos durante a ditadura militar e dedicou sua vida à luta pelos direitos humanos, pela democracia e pela justiça social”, defendeu Lessa.

Outros parlamentares federais e estaduais também fizeram questão de se despedir do jurista. “Com pesar, recebo a notícia do falecimento do advogado Marcello Lavenère, que dedicou sua vida à luta contra injustiças. Marcello foi ator central no impeachment de Fernando Collor e denunciou os crimes cometidos pela Lava-Jato”, afirmou o deputado estadual Ronaldo Medeiros (PT). Já o deputado federal Rubens Otono (PT-GO) disse que “estará sempre presente: morre aos 86 anos Marcello Lavenère, ex-presidente da OAB e defensor da democracia”.

Os ministros Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Social e Agrário, e o ministro Jorge Messias, da Advocacia-Geral da União (AGU), também foram às redes sociais prestar homenagens à Lavenère. “Meus profundos sentimentos pelo falecimento do jurista Marcello Lavenère Machado, ex-presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil”, afirmou Teixeira.

Enquanto que Messias, publicou uma nota oficial de pesar na qual lembrou o legado e a trajetória do jurista. “Marcello Lavenère deixa um legado memorável para a advocacia e para a sociedade brasileira. Durante sua atuação à frente da OAB, desempenhou papel crucial em momentos históricos da luta democrática do Brasil, destacando-se pela firmeza de princípios, coragem e compromisso com os valores fundamentais do Estado Democrático de Direito.”

“Sua atuação como presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça foi igualmente marcante, consolidando-se como um defensor dos direitos das vítimas de perseguição política durante o regime militar. Sua vida foi um exemplo de dedicação incansável às causas da democracia, da cidadania e da justiça social, sempre pautada pelo diálogo e pelo respeito às instituições. Que sua memória seja um farol para todos aqueles que acreditam e lutam por um Brasil mais justo, igualitário e democrático”, declarou o ministro da AGU.



ROBERTO BRANT

SE OS ESTADOS UNIDOS PODEM INVADIR O PANAMÁ E OCUPAR O CANAL, A RÚSSIA TEM TODO O DIREITO DE INVADIR A UCRÂNIA E SEGUIR ADIANTE PARA DEFENDER SEUS INTERESSES. OCUPAR A GROENLÂNDIA PELA FORÇA SERÁ O FIM DA OTAN E DA PROTEÇÃO DA EUROPA DIANTE DAS AUTOCRACIAS QUE A RODEIAM

O mundo que nos espera

O isolamento geográfico sempre nos deu a falsa sensação de que o que ocorre no mundo não afeta decisivamente a nossa vida. Isto pode ter sido verdade no passado, mas há muito deixou de ser. Hoje, tanto na economia quanto na política, atingimos uma dimensão que forçosamente nos interconecta com tudo de relevante que ocorre no mundo.

Em grande parte do século 20 tanto o Brasil como toda a América Latina viveram sob estrita dependência dos Estados Unidos, dependência que várias vezes assumiu a forma de pura submissão e de relativização das nossas próprias soberanias. Com o fim da Guerra Fria e com o nosso amadurecimento

econômico e político, já não se pode dizer que fazemos parte da esfera de influência americana, como costumava ser no passado. O Brasil é hoje um país plenamente soberano, age com total autonomia política e tem relações econômicas diversificadas. Nosso principal parceiro comercial é a China e não mais os Estados Unidos e nada indica que isso possa mudar.

Apesar disso, a sucessão presidencial americana que se aproxima poderá ter mais influência em nossa vida do que qualquer outra em nossa história, agora, não porque somos um país subdesenvolvido da América Latina, mas porque somos um país relevante no mundo. Se o presidente

Donald Trump confirmar mesmo uma pequena parte do que tem prometido, a ordem mundial, na economia e na política, será completamente alterada, e certamente não para melhor.

Desde o fim da Segunda Guerra, as alternâncias de poder político nos Estados Unidos transcorreram sem grandes surpresas ou ansiedades, porque não modificavam certos consensos fundamentais na política econômica e na política externa. Desta vez será diferente, pois as eleições deram o poder a um movimento anti-institucional, expressão de uma sociedade posta em situação defensiva e temerosa do futuro, diferente da América cheia de autoconfiança

e de orgulho com que havíamos nos acostumados a lidar.

O novo governo recebeu um amplo mandato para tentar interromper o ritmo da evolução histórica que tem relativizado o poder político e econômico dos Estados Unidos e que encaminha o mundo para uma ordem global multipolarizada. Para este fim, o novo governo estará dispensado de obedecer a regras no plano internacional, mesmo que essas regras tenham sido constituídas sob a forte liderança da América e tenham servido até agora aos seus interesses. E estará também liberado para desafiar internamente às próprias instituições do Estado de Direito, para o que contará com uma maioria parlamentar domesticada e uma Suprema Corte maleável e claramente politizada.

O que um povo decide livremente fazer com o seu país é um problema seu. No entanto, dado o peso e a força dos Estados Unidos, com seu exército, suas empresas, suas universidades, sua moeda, tudo que lá ocorre transborda para o mundo. No plano da geopolítica, a desmontagem das instituições internacionais pode transformar o mundo em um campo selvagem. Se os Estados Unidos podem invadir o Panamá e ocupar o canal, a Rússia tem todo o direito de invadir a Ucrânia e seguir adiante para defender seus interesses. Ocupar a Groenlândia pela força será o fim da Otan e da proteção da Europa diante das autocracias que a rodeiam. Tudo o que resultou da vitória da Segunda Guerra estará sepultado, e a paz de 1945 a 2025 parecerá um dia apenas uma pausa na eterna tragédia da história humana.

Na economia, a imposição unilateral de tarifas para ressuscitar a indústria americana vai desencadear respostas retaliatórias e tornar o comércio internacional um campo de batalha, retrocedendo a um ambiente que, no século passado, gerou recessões e guerra. O comércio deixará de ser uma relação econômica entre empresas e consumidores para se transformar em uma questão de Estado e de hegemonia política.

A ordem internacional em que vivemos tem muitos defeitos e a muitos parecerá injusta. Mas basta imaginar um mundo sem a ONU, sem a Organização Mundial da Saúde, sem a Organização Mundial do Comércio, para se ter a certeza de que algum dia teremos saudades deste mundo que estamos em vias de perder.